

Cheiro de Leoa / "Toyota Listrado"

(música acidental)

PEDRO BIONDI

Esta manhã as zebras do meu quintal me pareceram outras. Maiores? As mesmas, sem sombra ou listra de dúvida; ainda que a mais nova – digo, a que se afigura de mais nova – risse um riso um pouco diverso. A um bom conhecedor de zebras não seria preciso narrar que elas se deixaram vir ao dia no ritual de sempre: (depois de desgrudar cabeça-e-corpo) abriram os olhos de burros riram entre si uns zurras de asno, com muitos dentes amarelos; consertaram-se, as patas fincando paliçadas, soerguendo os restos da noite que elas não deixaram terminar de dormir e os raios do dia que não deixaram terminar de acordar, no seu afã de ruminantes – e herbívoras, e pastadoras.

A mais atirada, como em outras oportunidades, correu um meio-trote próprio seu e veio rir um riso de gengivas no retrovisor do automóvel submisso (ou conformado?) à poeira. Zebras riem muito, desculpem a repetição do termo; mas é riso mesmo riso, e não gargalho ou ascensão inteligente dos cantos da boca, como a dos ingleses; e riem com diferentes intensidades e por diferentes motivos, mas creio que não com gosto como pode o homem, ou um grande felino, ou um símio que se diverte à custa de outros entes. Simplesmente riem quando a boca o manda, ai, cartesianamente coloridas de zeros e uns. Código de barras – diferentiguais.

O ver-se no espelho faz os possíveis rodaminhos na curva dela, que recua a cara, depois volta uma posição e encara de novo, tentando morder o espelho, numa mordida meio boquitorta. Talvez lhe incomode a idéia de estar duas, ou duas vezes, no mesmo mundo; possivelmente lhe azucrina enxergar-se assim tão – tão só boca e dentes, desproporcionados. Talvez lhe encasquete que deve triturar, com seus molares duros e fortes, treinados e pacientes, aquela boca rival. Enfim: zebras!

Talvez lhe confunda o bafo que bota neblina naquela nova paisagem, particular sua; talvez o orvalho do bafo em si lhe irrita, tirando-lhe o direito ao prazer de se flagrar e medir, ou botando névoas no seu exercício de inteligência; talvez a

ponha para jantar com a frustração, em talheres e pratos por esta escolhidos, pois não devemos nos aproximar demais de nossos sonhos: na melhor e mais improvável das hipóteses eles deixam de ser sonhos.

No mais próximo que conseguir chegar do espelho, mais frustrada ela deve ficar ao ser vencida por um borribo; mais rápido vai reinvestir, e mais raiva verá fotografada no reflexo. E assim e assim.

Prenderam o mundo lá fora? Em nossa volta, invariavelmente, aquele cheiro – fétido, almiscarado, roto, ácido e um tanto doce, palpável, pegajoso, progressivamente cheiro: cheiro de leoa. Cheiro que eu já conhecia há tempos e que imaginava ser somente de leoa triste, daquelas majestades prostradas de jardim zoológico, decadentes, aleijadas de mundo e que tudo o que lhes restou é zanzar entre quatro nãos e imaginar como seria papar aqueles ricardinhos chatos que lhes jogam balas e lhes chamam de leão. Leoa vinda, leoa ida: planos presidiários!

Estátuas de predadora espreitam. Estátuas de predadora se movem.

Leoa na natureza é maldade bem rida, diferente daquela brabeza seca, aquela raiva com mandíbula pendida que se vê em jaula. Falam de tudo, sentadas; são sérias só da fome pra frente, seja fome sua ou de seus bezerros leõesinhos. Ixe, leoas – o senso de humor, senso de desamor, faísca em seus olhos tão amarelos, e a gente sabe que humor bonzinho é humor de paróquia: humor de zebra.

Precisa ver quando a brisa traz notícia de predadoras. Zebras e sarbez se levantam e (arbez e zebra, oposto e avesso, mútuos negativos, ninguém sabe dizer o certo e o inverso, e são indissociáveis mas imiscíveis, branco-e-preto e nunca cinza;



HÉLIO DE ALMEIDA

mas quando acreditam em leões por perto, entram em um colapsismo tal que se desinvertem, se confundem, chega se trançam e se tropeçam). Destino de zebra é esse, e acredito não ser diferente com as gazelas ou até com aqueles bichinhos, os da pág. 286, que anotei roendo arbustos perto do carro ontem. Sempre terão como *leitmotiv* uns grandes olhos por perto, quase sempre virtuais mas vez ou outra palpáveis, e sua vida não foge disso. Aliás, sua vida é fugir disso.

(já que é disso que o povo gosta, a câmera vai:) Estátuas de predadora espreitam/Estátuas de predadora ganham vida (tambores). O trote das leões é outra história. No fundo, no fundo, aliás, o termo “trote” não cabe, porque o meio-correr delas é desprovido de consoantes. O chão é lançado para trás numa semicorrída cheia de ombros de almofada, em que a fundista engana o barulho, caça o erro alheio e cerca o seu. Algumas dezenas de metros e a leoa

Joga um novo parágrafo

E outro

E outro, caso mal-inventado aquele. Daí, conseqüência natural, uma disparada sem vírgulas em que cada vez mais perto aqueles irritantes seres assustadiços e parrudos vestidos de sim e não e recheados de vermelho-vida brilham numa nuvem de pontos de exclamação mergulham num galope sem vogais estufado de poeira e tudo termina no ponto final do silêncio.

Eu? Não sei, sinceramente, há quanto estou aqui, trancafiado carrafado – o automóvel listrado como uma zebra quadrada preso incorporado ao chão por falta de combustível e de ajuda. Sei que fico por aqui assim, sem sair, mascando as horas. Ouço um pouco de rádio, costuro um pouco de tempo, crio a Família Camundongo no cabelo, quando não durmo estou acordado. Leio um pouco e um pouco mais do “Fauna”, por sorte que quando me lancei nesta empreitada uma

lampadinha me brilhou de escolher justo o volume que serve de baú ao Velho Continente.

O sol se deposita como moeda, desce como o biscoito mais brilhante no café com leite mais seco e amplo possível. E enquanto ele abre o chão, sedento por afofar sua cama de magma, os cansaços em volta começam a acordar. Dentro das zebras, o contraste vai desaparecer até não restar listra, provando que no fim da tarde todos somos um vulto de nós mesmos.

À noite, ditado corrigido, todos os gatos são gravetos quebrando cada vez mais perto. E todos os estalidos de graveto são gatos-monstros, em negaça.

O olhar... Me olham de uma maneira ao mesmo tempo lasciva e ridicularizadora – umas esfinges. Existem coisas que não existem até que nos deparemos com elas...

Poderia escolhê-las noite após noite, um harém de beges calores? Ainda não descobri se o prazer de morder a nuca de uma destas minhas gárgulas compensaria o possível ridículo posterior. Leões e seus outros cheiros, perfume bom de leoa... Aqueles que já perceberam nos leões falsos reis sabem que zebras não são tão más assim. Uma manhã a mais, uma zebra a menos na manada...?

Também não é de todo mau prosseguir mais um tempo aqui no Toyota quebrado, transformado numa banheira já quase transbordante pelos olhares ourados e sons crepusculares que pingam do em-redor. A savana é um crepúsculo. E, como já assinalou um mestre da escrita, a savana é o mundo...

PEDRO BIONDI, 31 anos, é jornalista e escritor. Tem textos literários publicados em antologias, sites e revistas. É autor do livro inédito de contos *Cheiro de leoa*. Trabalha como editor de primeira página da Agência Brasil.